



CONCEPÇÕES DOS PAIS ACERCA DO DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Randys Caldeira Gonçalves¹, José Henrique Faleiro², Mara Núbia Guimarães dos Santos²,
Denys Ribeiro de Oliveira Costa², Isa Lúcia de Moraes Resende³

¹Graduado em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Quirinópolis. E-mail: (randyscaldeira@hotmail.com)

²Discente de Licenciatura em Química, IF Goiano – Campus Urutaí.

³Docente da Universidade Estadual de Goiás e Doutora em Ciências Ambientais pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

Recebido em: 06/10/2012 – Aprovado em: 15/11/2012 – Publicado em: 30/11/2012

RESUMO

Este trabalho trata-se de um estudo de natureza qualitativa desenvolvido com o objetivo de avaliar o diálogo entre pais e filhos no que diz respeito à educação sexual. Participaram da pesquisa 50 pais de adolescente matriculados no Colégio Estadual Perilo Rodrigues de Moura da cidade de Inaciolândia – Goiás. Os dados foram coletados através de um questionário estruturado com questões discursivas e objetivas. Satisfatoriamente os resultados demonstraram que a maioria dos pais aborda com seus filhos assuntos ligados a sexualidade. As mães são mais sucessíveis ao diálogo com os filhos, levando a crer que entre mães e filhos há vínculos de tais assuntos. Já os pais, não são atores centrais no processo de educação sexual dos filhos. Alguns pais (pai/mãe) ainda privam seus filhos do diálogo por vergonha, despreparo, crença de que os filhos estão suficientemente informados, de que é cedo para saberem sobre o assunto e ainda enraizaram a idéia de que o diálogo antecipa a prática do ato sexual. Alguns pais por acreditarem que a abordagem do tema na escola antecipa o início da vida sexual são contra o fato da escola oferecer a educação sexual aos filhos.

PALAVRAS-CHAVE - Pais, filhos, diálogo, sexualidade.

PARENTS CONCEPTIONS ABOUT THE DIALOGUE ON ADOLESCENT SEXUALITY

ABSTRACT

This work deals with is a qualitative study conducted with the objective of evaluating the dialogue between parents and children regarding sex education. Participants were fifty of teen parents enrolled in the State College Perilo Rodrigues de Moura city Inaciolândia – Goiás. Data were collected using a structured questionnaire and objective discourse. Satisfactorily the results showed that the majority of parents with their children addresses issues related to sexuality. Mothers are more successors to dialogue with their children, leading to believe that between mothers and children to bonds of such matters. Since parents are not central actors in the process of sexual education of their children. Some parents (father / mother) still deprive their children of dialogue by shame, despair, believing that their children are adequately informed, that it is too early to know about it and still have embedded the idea that dialogue

anticipates the practice act sexual. Some parents believe that by approaching the subject in school anticipates the onset of sexual behavior are against the fact that the school offer sex education to their children.

KEYWORDS - Fathers, children, dialogue, sexuality.

INTRODUÇÃO

A educação sexual é a parte do processo educativo voltado especificamente para atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade. Ela possibilitará a promoção da felicidade, preparando o ser humano para usar de maneira responsável a sua liberdade, e assim, estar a serviço não só do indivíduo, mas também da sociedade (VITIELLO, 1997). Ela deve ser trabalhada por familiares e professores, uma vez que estes são os responsáveis pela formação moral, intelectual e também sexual do indivíduo (VITIELLO, 1997). Os educadores, incluindo, os pais e os professores, através do seu relacionamento pessoal e profissional com os adolescentes, proporcionam a estes, estímulos que contribuem para a aquisição de novos comportamentos, possibilitando-os desenvolverem estratégias para seu viver em sociedade, em bem-estar biopsicossocial (CHAVES *et al.*, 2004).

Todavia, em na sociedade, o tema sexualidade ainda encontra-se cercado de crenças, mitos e tabus. Isso se deve, em grande parte, à cultura da sociedade que reduz a sexualidade a sua função reprodutiva e genital, sem compreender a sexualidade como integrante do processo educacional e vivencial do indivíduo, histórica e culturalmente produzidos. Os pais temem o assunto e o evitam ou, às vezes, acabam por reprimir essa manifestação sexual, por terem em mente que o “falar” sobre sexualidade possa vir a antecipar cada vez mais a prática sexual (BERNARDI, 1985; TRINDADE & BRUNS, 1999). Consequentemente constata-se na sociedade o reflexo dessa falta de orientação sexual, principalmente entre os adolescentes, com o crescimento da gravidez indesejada e de práticas abortivas; da contaminação por doenças sexualmente transmissíveis e da frustração sexual (TRINDADE & BRUNS, 1999).

A relevância do estudo em educação sexual está na contribuição de informações que possam auxiliar pais e educadores, bem como membros da sociedade em geral, na elaboração de ações interventivas relacionadas ao processo de formação do ser humano. A identificação das limitações dos pais para a educação sexual adequada pode contribuir para a melhoria desse processo (CHAVES *et al.*, 2004). Neste contexto, o objetivo dessa pesquisa é realizar uma avaliação sobre o desenvolvimento ou não da educação sexual por parte dos pais (pai/mãe) no processo de formação dos alunos adolescentes do Colégio Estadual Perilo Rodrigues de Moura, Inaciolândia- GO.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa trata-se de uma “investigação avaliativa” na forma de estudo de caso desenvolvida em 2011. O estudo combina metodologia quantitativa e qualitativa, fundamentada nos trabalhos de OLIVEIRA *et al.*, (2001), SOUZA & SIQUEIRA *et al.*, (2006) e DIONÍSIO *et al.*, (2007). Elegeu-se como campo de pesquisa pais de alunos adolescentes matriculados no Colégio Estadual Perilo Rodrigues de Moura, Inaciolândia, Goiás.

Antes da coleta de dados, o projeto de pesquisa foi apresentado a direção da escola e com o seu consentimento foi solicitado a secretaria o fornecimento do

endereço dos pais de alunos adolescentes a partir de 12 anos de idade. Posteriormente, por sorteio, foram escolhidos os pais que seriam convidados para participarem da pesquisa. O critério de incluir neste estudo pais de adolescentes a partir de 12 anos de idade é explicado pelo fato de que, freqüentemente, nesta faixa etária, os jovens estão passando por mudanças físicas, mais acentuadas no que se refere às funções sexuais e reprodutivas e à forma como tudo isto repercute em suas relações familiares e sociais (GHERPELLI, 1996).

A coleta de dados foi realizada através de um questionário, o qual permite avaliar o diálogo que está (ou não) se estabelecendo com os adolescentes, na concepção dos pais. O questionário contém as seguintes questões objetivas e subjetivas: 1) Você conversa com seu filho sobre sexualidade? () Sim () Não. Por quê?; 2) Quem você considera responsável por desenvolver este tipo de orientação? Por quê?; 3) Existe algum assunto relacionado à sexualidade que você considera importante ser falado com seu filho neste momento da vida dele? () Sim () Não, Qual? Por quê?; 4) O fato da escola oferecer a educação sexual para os alunos te incomoda? () Sim () Não. Por quê?. O questionário abrangia ainda o levantamento dos dados: idade, grau de escolaridade, números de filhos e ou/dependentes e renda familiar.

O consentimento dos pais em participar da pesquisa, atendendo as exigências da Resolução nº: 196/96, de 16 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, foi formalizado através de um Termo de Consentimento. Este termo enfatiza o objetivo e a justificativa da pesquisa e, principalmente, a premissa do anonimato. Apoiado nesse princípio foi garantido o sigilo dos dados individuais de cada questionário, sendo esclarecido que não se pretendia e nem poderia identificar os autores das respostas.

Após os questionários terem sido respondidos, iniciou-se a leitura e interpretação geral das respostas. As respostas referentes às questões objetivas foram analisadas de forma quantitativa, por meio de cálculo de percentuais. As respostas das questões discursivas, de natureza qualitativa, foram avaliadas por meio da análise de conteúdo proposta por BARDIN (1977) sendo as respostas semelhantes agrupadas em temas. A palavra tema utilizada, se refere a elementos ou a aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 50 indivíduos, sendo oito pais (16%) e 42 mães (84%). Embora tanto os pais quanto as mães fossem convidados a responderem o questionário, as mães, na maioria dos casos, foram mais receptivas no tocante a contribuir com a pesquisa. Certamente, isso se deve ao fato de que na sociedade geralmente é dada às mães a grande responsabilidade na educação e socialização dos filhos, o que explica, ao menos parcialmente, a recusa dos pais. Segundo FOUCAULT (1990) a sociedade ocidental valoriza muito mais a atuação da mãe, ou da figura feminina mais próxima, no cuidado e na educação dos filhos. AMARAL (2006) enfatiza que no convívio familiar a figura materna assume a responsabilidade pela criação dos filhos e, muitas vezes, pelo sustento do lar. A figura paterna, quando presente, tem comportamentos que refletem o poder, a dominação e pouco envolvimento com a criação e orientação dos filhos.

Outra explicação para o predomínio do sexo feminino entre os entrevistados é que durante as visitas a maioria dos pais estava no trabalho, demonstrando que existe um grande número de mulheres que não estão no mercado de trabalho e exercem somente as atividades do lar. Segundo SUSSMUTH (1988), os homens recusam assumir ou participar mais ativamente do trabalho doméstico e da educação dos filhos, com o argumento de que são menos aptos para essas atividades e que lhes falta uma profunda relação com a criança.

Inerente as condições econômicas os pais entrevistados recebem de um a três salários mínimos e se enquadram na classe econômica de baixa renda (IBGE, 2001). De acordo com LYNCH & TIEDJE (1991) famílias pobres possuem características relativas à estrutura e papéis familiares, processos de comunicação familiar e socialização dos filhos, que são peculiares de sua classe. A divisão de papéis entre os pais é bem definida, cabendo à mulher a responsabilidade de educar, socializar e cuidar dos filhos e ao homem, o sustento da família. Em relação à idade, verificou-se uma distribuição na faixa etária de 31 a 65 anos. Entre as mulheres a faixa etária variou de 32 a 65 anos e entre os homens de 38 a 64 anos. Os entrevistados apresentaram escolaridade muito baixa, sendo que 28 (56%) possuíam ensino fundamental incompleto, nove (18%) ensino fundamental completo, quatro (8%) ensino médio incompleto, oito (16%) ensino fundamental completo, e apenas um (2 %) ensino superior. A caracterização simplificada dos pais (pai/mãe) investigados encontra-se no quadro 1.

QUADRO 1 - Caracterização dos pais (mãe/pai) entrevistados quanto a idade, o gênero e o número de Filhos.

| Pai/Mãe | Nº de filhos | Idade | Mãe | Nº de filhos | Idade | Mãe | Nº de filhos | Idade |
|---------|--------------|-------|-----|--------------|-------|-----|--------------|-------|
| P1 | 2 | 38 | M10 | 2 | 36 | M27 | 3 | 40 |
| P2 | 1 | 41 | M11 | 2 | 38 | M28 | 2 | 40 |
| P3 | 3 | 40 | M12 | 2 | 38 | M29 | 2 | 43 |
| P4 | 2 | 40 | M13 | 3 | 38 | M30 | 2 | 43 |
| P5 | 2 | 40 | M14 | 3 | 38 | M31 | 1 | 43 |
| P6 | 3 | 43 | M15 | 3 | 38 | M32 | 1 | 43 |
| P7 | 1 | 43 | M16 | 4 | 38 | M33 | 2 | 45 |
| P8 | 1 | 64 | M17 | 2 | 38 | M34 | 2 | 45 |
| M1 | 2 | 32 | M18 | 2 | 39 | M35 | 2 | 45 |
| M2 | 2 | 32 | M19 | 3 | 39 | M36 | 2 | 45 |
| M3 | 3 | 35 | M20 | 4 | 39 | M37 | 2 | 45 |
| M4 | 3 | 35 | M21 | 2 | 39 | M38 | 2 | 48 |
| M5 | 4 | 35 | M22 | 2 | 39 | M39 | 1 | 48 |
| M6 | 1 | 36 | M23 | 2 | 39 | M40 | 1 | 61 |
| M7 | 2 | 36 | M24 | 2 | 40 | M41 | 3 | 62 |
| M8 | 3 | 36 | M25 | 2 | 40 | M42 | 2 | 65 |
| M9 | 2 | 36 | M26 | 3 | 40 | | | |

Quando os pais (pai/mãe) foram questionados se mantém um diálogo com os filhos a respeito de assuntos referentes à sexualidade, observou-se que a maioria dos pais, (72%, n=36) conversam com os filhos sobre sexualidade (tabela 1). Entre as mães 78,5% (n=33) alegaram conversar com seus filhos sobre sexualidade e apenas 37,5% (n=3) dos pais conversam com os filhos. Isso leva a crer que entre mães e filhos há vínculos de diálogo sobre tais assuntos. O pai ainda continua pouco participativo nas conversas sobre sexualidade nos lares pesquisados. Observou-se

que a baixa escolaridade dos pais não interferiu no diálogo acerca da sexualidade com seus filhos, uma vez, que a maioria, afirmou estabelecer o diálogo. No estudo de BORGES *et al.*, (2006) a participação da família como fonte de informação acerca da sexualidade também foi identificada. Pesquisando adolescentes de 15 a 18 anos de idade, estes autores constataram que a principal fonte de diálogo e esclarecimento de assuntos ligados à sexualidade, apontada pelos adolescentes, foram os pais (pai/mãe). Entretanto, nos estudos de OLIVEIRA *et al.*, (2001) e DIONÍSIO *et al.*, (2007) os autores constataram que entre pais e filhos não se estabelecem vínculos efetivos de comunicação referente ao tema.

TABELA 1 – Frequência das respostas dos pais à pergunta objetiva: “*Você conversa com seu filho sobre sexualidade?*”.

| <i>Você conversa com seu filho sobre sexualidade?</i> | Pai | | Mãe | | Total | |
|-------------------------------------------------------|------------|----------|------------|----------|--------------|----------|
| | nº | % | nº | % | nº | % |
| Sim | 3 | 37,5 | 33 | 78,5 | 36 | 72 |
| Não | 5 | 62,5 | 9 | 21,5 | 14 | 28 |
| Total | 8 | 100 | 42 | 100 | 50 | 100 |

Conforme os resultados obtidos os pais foram divididos em dois grupos, os que conversam sobre sexualidade com os filhos (Grupo I) e os que não conversam (Grupo II).

Grupo I - Conversa com os filhos sobre sexualidade

Tema I - Prevenir contra DSTs e Gravidez

“Pra se prevenir de uma gravidez indesejada”. (M40, 1 filha, 61 anos)

“Porque eles tem que estar atento para os perigos que a vida oferece.” (M15, 3 filhos, 38 anos)

“Porque tenho que orienta-los sobre as doenças e os métodos de prevenção”. (M11, 2 filhos, 38 anos)

“Porque eles vão saber se prevenir contra doenças DST”. (M16, 4 filhos, 38 anos)

“Por causa do que esta acontecendo no mundo das doenças sexualmente transmissíveis e o uso da camisinha.” (M6, 1 filho, 36 anos)

Os pais destacaram que a vantagem de conversar com seus filhos desde as primeiras dúvidas sobre sexualidade é abrir caminhos para que se possa informar corretamente sobre as práticas de uma possível relação sexual desprotegida, reduzindo as conseqüências desse ato, principalmente no aspecto de prevenir uma gravidez indesejável e contaminações por doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, entre outras. GHERPELLI (1996) destaca que a gravidez na adolescência e a AIDS são atualmente os grandes inimigos da vida sexual dos jovens, por suas conseqüências na saúde e no desenvolvimento pessoal e econômico. DIONIZIO *et al.*, (2007) destacam que o impacto que a AIDS vem produzindo em todo o mundo parece ser uma evidência de esforços crescentes empreendidos no ambiente familiar para prevenção da transmissão do vírus HIV. DUARTE (1998) argumenta que o espaço para o diálogo entre pais e filhos, inerente a sexualidade cresceu muito, pois, o medo da AIDS abriu essa brecha.

BIÉ *et al.*, (2006) afirmam que a prática insegura da atividade sexual ocasiona o crescente número de casos de DST/AIDS, principalmente entre os adolescentes e isto justifica a necessidade de preocupar-se com a dupla proteção, quando do exercício da atividade sexual. Ainda conforme os autores os adolescentes têm conhecimento limitado sobre as formas seguras de prevenir DST e gravidez, além de desconhecerem os aspectos importantes sobre as manifestações da sexualidade. Este fato, muitas vezes, é fruto do desinteresse por grande parte dos jovens em buscar esclarecimento sobre determinados assuntos, pois quando sentem necessidade de obter orientações, geralmente, não sabem a quem se dirigir.

A presença da AIDS e o aumento de gravidez na adolescência são fatos constatados e que reforçam a hipótese de que a desinformação, a repressão, o silêncio, o medo e outros sentimentos negativos parecem limitar as escolhas do adolescente, ante a vida sexual e reprodutiva, criando situações de difícil atuação para pais e profissionais que lidam com jovens (GHERPELLI, 1996).

Grupo II - Não conversa com o filho sobre sexualidade.

Tema I - Excesso de informação através da escola e da mídia.

“Não porque não é necessário eles já sabem de tudo.” (P6, 3 filhos, 43 anos)

“Não acho necessário, já sabem através da escola devido que os professores já explicam tudo sobre sexualidade.” (M1, 2 filhos, 32 anos)

“Hoje em dia as crianças estão muito pra frente já sabem tudo.” (M20, 4 filhos, 39 anos)

“Porque os filhos não escutam os pais.” (M4, 3 filhos, 35 anos)

Esses pais mencionaram a falta de preparo e as dificuldades frente à educação sexual dos filhos, bem como preferem deixar que outras fontes assumam esta responsabilidade. Esses pais salientam que o excesso de informação disponível aos filhos sobre sexualidade atualmente excluem a necessidade do diálogo entre pais e filhos. Diante destas respostas, pode-se inferir que muitos pais não se sentem preparados para o diálogo porque acham que aquilo que os filhos sabem e aprendem informalmente no dia-a-dia é suficiente para esclarecer suas dúvidas. ZAGURY (1999) afirma que provavelmente os jovens sabem muito do assunto, mas, em verdade nunca é demais os pais conversarem com seus filhos. Esta autora destaca que às vezes eles conhecem os fatos, mas não compreendem a sua essência, o seu significado real. Criar e manter espaço de troca de informação entre pais e filhos é importante. ALMEIDA *et al.*, (2005) enfatiza que quando as informações não são conseguidas em casa, eles recorrem aos “colegas sabe-tudo”, que na maioria das vezes sabem muito pouco e acabam deturpando fatos e informações, criando dúvidas ainda maiores.

Vale ressaltar que os meios de comunicação passam informações de como fazer certas coisas, como atos bons e atos ruins, certos ou errados, positivos ou negativos. Portanto, há a necessidade dos pais discutirem com os filhos sobre sexualidade, pois a família como instituição social e cultural deve, na esfera sexual, tem o papel essencial de educar e não somente passar opiniões e valores, mas acima de tudo discutir a realidade e ensinar os filhos a derrubarem preconceitos e mitos ainda existentes para que possam escolher o seu caminho de forma responsável e consciente (ZAGURY, 1999).

Tema II – Educação sexual diferenciada pelo sexo

“Não porque é filho homem e acho que não tem necessidade.” (M19, 3 filhos, 39 anos)

Percebe-se, pela resposta da mãe, a diferença na educação sexual atribuída a meninos e meninas, que estabelece e reforça as distinções de gêneros. Apesar de todas as mudanças sociais que ocorreram e ocorre vertiginosamente pelo mundo a submissão feminina e o comportamento machista são alguns dos traços sublinhados na fala da mãe. Muitos pais tendem a adotar o discurso da ausência da necessidade do diálogo com os filhos pela sua “natureza masculina”, transferindo para estes a responsabilidade por suas condutas sexuais, cabendo a eles resolverem sozinhos os seus problemas, temores e dúvidas sobre sexualidade. Pela ausência do diálogo os adolescentes vão buscar fora do ambiente familiar essas informações e muitas vezes, encontram uma visão distorcida da sexualidade.

Embora a sociedade esteja em um momento de transição, no qual os papéis sexuais estão sendo reavaliados e revistos, meninos e meninas ainda são educados de maneira diferente. Assim, é possível perceber restrição às meninas e maior liberdade aos meninos (SANTOS & BRUNS, 2000). TIBA (1994) destaca que a menina precisa manter a compostura para não se tornar uma leviana, já o menino precisa demonstrar o quanto antes sua virilidade. Apesar das recentes mudanças comportamentais relativas à sexualidade, a sociedade ainda valoriza mais a virgindade feminina e aceita mais a vida sexual ativa masculina. Essa educação diferenciada determina que a menina siga os moldes da figura da mãe e o menino da figura paterna. Considerando a presença de modelos sócio-sexuais também denominada de estereótipos sexuais a mãe acaba assumindo crenças, habilidades, comportamentos e atitudes diversificadas na educação sexual entre os filhos. Historicamente, o que se constata é que a cultura tende a refletir processos de educação que emitem aos seus descendentes respostas comportamentais, adestrando como devem ser e o que podem de acordo com o sexo. Aos três anos, o indivíduo já se reconhece como menino ou menina. Depois, ao descobrir que é homem ou mulher, trata de repetir os comportamentos do progenitor do mesmo sexo. Neste contexto, o papel social que as meninas e os meninos devem cumprir é atribuído pela sociedade e o que ocorre é a sua transferência de geração a geração (QUINTELLA, 1992).

Tema III – O diálogo antecipa a prática sexual

“Não porque eles podem pensar que estou permitindo que eles faça sexo.” “... acho que não é hora para conversar com eles.” (M41, 3 filhos, 62 anos)

Baseado na resposta da mãe M41 percebe-se uma das grandes barreiras ao diálogo sobre sexualidade entre pais e filhos: o receio de falar sobre sexualidade desperte nos jovens o início da sua vida sexual. Essa omissão leva os adolescentes a pensarem que temas relativos a sexo não devem ser discutido com os adultos. Tal fato corrobora que há pais que desconhecem a eficiência do diálogo dentro do âmbito familiar, pois segundo CÁSSIA (1996) citado por GUIMARÃES (2003) a existência de uma boa comunicação sobre sexo entre pais e filhos pode ser um fator contribuinte para que a primeira relação sexual ocorra mais tardiamente, pois

adolescentes esclarecidos tendem a ser mais responsáveis e a adiar o início de sua vida sexual, até porque sua curiosidade foi devidamente saciada. A ausência do diálogo só contribui para dificultar ou impedir a aquisição de hábitos de prevenção da AIDS, DST e gravidez. Através da exposição e discussão das dúvidas, os adolescentes adquirem conhecimentos necessários para poder relacionar suas atitudes aos fatores de risco e poder identificar o seu grau de maior ou menor vulnerabilidade diante de uma gravidez, da AIDS e DST (GHERPELLI, 1996).

O papel da informação oferecida pelos pais não deve ser encarado como um meio de estimular a iniciação da atividade sexual dos filhos, mas sim, como o de promover o conhecimento de medidas preventivas para o autocuidado, propiciando maior conscientização da importância da saúde sexual. O desafio colocado neste momento diz respeito a uma conscientização e reflexão dos pais sobre a sua própria prática e principalmente, sobre a consolidação das informações que podem auxiliar seus filhos frente a questões da sexualidade. É necessário que os pais assumam esta responsabilidade, rompendo com o silêncio e criando condições para que as dúvidas e contradições sejam discutidas em casa. A aceitação desta medida implica ainda que este tema seja incorporado com naturalidade, franqueza e sinceridade.

Pode-se inferir pela resposta da mãe M41 que ela considera o filho jovem demais para falar sobre o tema. VITIELLO (1997) alega que a sociedade vincula a prorrogação da comunicação aberta da sexualidade com jovens para um futuro relativamente longínquo, pois muitas pessoas consideram este tema como exclusivo para adultos e isso significa um controle do exercício da sexualidade destes jovens. Os pais costumam expressar que a idade cronológica dos filhos é um dos parâmetros utilizado com frequência para qualificar o despreparo perante o assunto. TRINDADE & BRUNS (1999) afirmam que essa mesma sociedade, a qual tem como prática o deixar “para o amanhã” as orientações acerca da sexualidade, subsidia o exercício da sexualidade com conseqüências muitas vezes ruins, como a gravidez indesejada ou a AIDS.

Quando os adolescentes apresentam dúvidas e questionamentos, a forma correta de agir é o diálogo, visto que este possibilita superar incompreensões e dificuldades e frustrações ocasionais. Dessa forma, o jovem poderá superar o medo de enfrentar assuntos considerados tabus ou as reações negativas dos adultos que dificultam a abordagem de temas que tratam de sexualidade (SPENLÈ, 1995 citado por BIÉ *et al.*, 2006). Contudo, só é possível dialogar quando se está aberto a ouvir e existe uma compreensão recíproca entre os membros do diálogo.

Tema IV – Vergonha e Despreparo

“Não ele tem vergonha.” (P2, 1 filho, 41 anos)

“Porque não me sinto preparada para abordar este assunto.” (M18, 2 filhos, 39 anos)

“Sei que é necessário mais não consigo conversar com eles sobre esse assunto.”
(M38, 2 filhos, 48 anos)

“Não me sinto a vontade para conversar com eles.” (M26, 3 filhos, 40 anos)

“Eu me sinto incomodada e não sei como abordar esse assunto.” (M5, 4 filhos, 35 anos)

Ao analisar as respostas do Tema IV percebe-se que os pais expressam seus anseios em abordar o tema com os filhos por se sentirem despreparados, tímidos e incomodados em tocar no assunto, certamente, receberam uma educação

permeada pela repressão da sexualidade. ALMEIDA *et al.*, (2005) enfatizam que as questões relativas à sexualidade ainda provocam tremores, já que trata-se de um diálogo entre diferentes gerações, e os pais nem sempre compreendem que seus valores e idéias não vão mais de encontro às necessidades de seus filhos. É certo que a preocupação da maioria dos pais é proteger os filhos de uma vida sexual frustrante. E muitos talvez o façam por experiência própria, só que a carga de tabus e preconceitos que eles carregam criam determinadas imposições que acabam com o diálogo, e prejudicam cada vez mais a relação entre pais e filhos.

BIÉ *et al.*, (2006) falam que a falta de preparo dos pais é um fator fundamental para a insegurança ou o desconhecimento de atitudes saudáveis para lidar com os filhos sobre essa questão. As questões culturais, a vergonha e o preconceito acarretam dificuldades no diálogo, e os pais diante desses aspectos condensam suas orientações em recados dados de maneira indireta, dificultando, assim, a compreensão pelos filhos. Tal atitude impede o verdadeiro diálogo, pelos quais os filhos poderiam expressar abertamente medos, angústias, dúvidas e desejos. O diálogo aberto pressupõe vínculos de confiança recíproca onde possa ofertar aos adolescentes a superar incompreensões, tabus, reações negativas e frustrações ocasionais (TRINDADE & BRUNS, 1999).

Para a segunda pergunta: “*Quem você considera responsável por desenvolver a educação sexual?*” Por quê? 48% (n=24) dos pais (pai/mãe) responderam que eles próprios seriam os responsáveis pela educação sexual dos filhos. Essa resposta está coerente com os dados obtidos neste estudo inerente aos altos índices no número de pais que disserem manter um diálogo com os filhos sobre sexualidade. A resposta “Pais e professores” foi respondida por 32% (n=16) dos pais (pai/mãe). Este resultado permite inferir que estes pais esperam que a escola, além deles, contribua com a educação ou orientação sexual dos seus filhos.

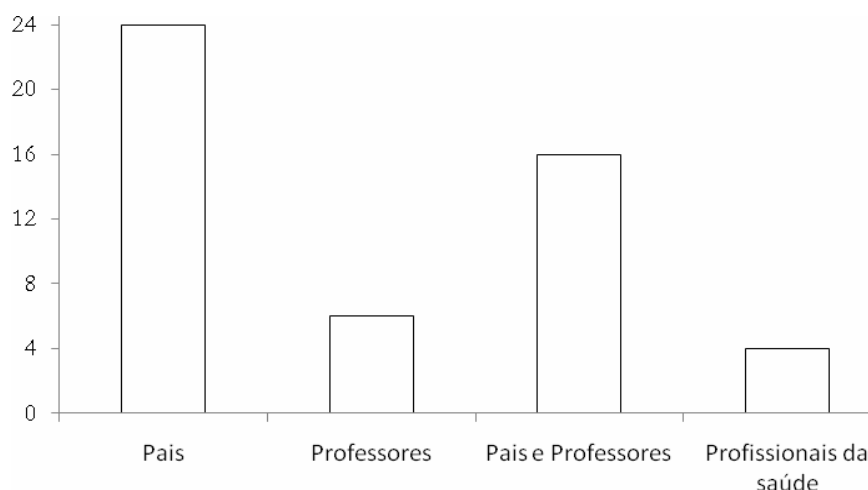


FIGURA 2. Distribuição da frequência de respostas à pergunta “*Quem você considera responsável por desenvolver a educação sexual?*” Por quê? inerentes às respostas das mães e dos pais entrevistados, em Inaciolândia, GO.

É interessante frisar que os pais são os primeiros educadores sexuais dos filhos, pois compete à família, a qual é uma instituição social permanente na vida do indivíduo, a grande parcela de responsabilidade na formação dos filhos. A

participação da comunidade, especialmente dos professores e pais, é relevante para evitar que os jovens recebam informações discordantes e conflitantes, especialmente mensagens de censura moral e social, provenientes de distintos segmentos da sociedade (BIÉ *et al.*, 2006).

Quanto a pergunta: *“Existe algum assunto relacionado à sexualidade que você considera importante ser falado com seu filho neste momento da vida dele? () Sim () Não. Por quê?”*, 43 (86%) dos pais (mãe/pai) responderam que sim e sete (14%) não. Neste contexto, as questões acerca da sexualidade no âmbito familiar gradativamente ganham relevância e espaço, pois, diante destes resultados fica implícito que os pais têm consciência da importância da função de contribuir na educação sexual dos filhos.

As respostas do Por quê? foram agrupadas em três temas.

Tema I: Gravidez e métodos contraceptivos

“Sim. preservativos. Porque com o uso da camisinha evita doenças e gravidez.” (P3, 3 filhos, 40 anos)

“Sim. preservativo. Porque precisa falar para eles se prevenir falar de preservativo.” (M20, 4 filhos, 39 anos)

“Sexo seguro e com responsabilidade. Porque este é um assunto divulgado e banalizado pela mídia ao mesmo tempo.” (M17, 2 filhos, 38 anos)

“Métodos contraceptivos. Porque as meninas são que sofrem mais com uma gravidez do que os meninos.” (M3, 3 filhos, 35 anos)

Gravidez e os métodos contraceptivos foram os temas vinculados à sexualidade mais citados pelos pais (mãe/pai). Isso demonstra a preocupação deles frente à possível “gravidez indesejada” dos filhos. Esses dados revelam, sem dúvida, que a gravidez indesejada é uma das grandes preocupações no âmbito familiar, pois a sua ocorrência repercute na vida dos jovens, principalmente das meninas, por não terem maturidade psicológica e condições econômicas para arcar com as responsabilidades vinculadas a gravidez. Além disso, a gravidez indesejada desencadeia reações negativas nos pais que reprimem e conduzem a gestação das filhas com atitudes discriminatórias (ZAGURY, 1999).

Tema II: Doenças sexualmente transmissíveis (DST)

“Doença AIDS. Porque tem que se prevenir.” (M19, 3 filhos, 39 anos)

“Sim. Doenças. Porque a doença mata.” (M38, 2 filhos, 48 anos)

“AIDS e DST porque ele precisa se prevenir.” (M27, 3 filhos, 40 anos)

O Tema II, doenças sexualmente transmissíveis, foi o segundo assunto mais mencionado pelos pais. Isso se deve principalmente ao advento da AIDS, pois, o medo desta doença propiciou que a discussão no âmbito da sexualidade atingisse várias instituições na sociedade. Os resultados obtidos demonstram essa preocupação dos pais.

Tema III: Namoro correlacionado à vida sexual

“Namoro. Para orientar sobre as conseqüências que pode ocorrer se tiver muita liberdade.” (P8, 1 filha, 64 anos)

“Sexo porque os jovens estão começando a sua vida sexual muito cedo.”(M7, 1 filho, 36 anos)

O Tema III aparece nas respostas manifestando o anseio dos pais para que o assunto sobre namoro com os filhos impeça as conseqüências do relacionamento afetivo destes com muita “liberdade”, principalmente para as meninas. Ou seja, eles anseiam que o assunto sobre namoro seja discutido com os filhos no sentido de impedir a consumação do ato sexual entre o casal. Na prática cotidiana as adolescentes vivenciam situações concretas de colegas que tiveram a vida redimensionada em função de uma gravidez precoce. Tal acontecimento reforça no meio familiar o sentimento de medo diante de uma gravidez e até mesmo diante da iniciação sexual (AMARAL, 2006).

Diante da preocupação da mãe com o namoro, o que se deve propor é o respeito ao relacionamento e tratá-lo com objetividade, sem proibição, com demonstração de controle aos assuntos íntimos do casal, informando-os sobre o planejamento de uma vida sexual saudável. DIONIZIO *et al.*, (2007) afirmam que em torno do assunto existem expectativas, fantasias e diversas dúvidas por parte dos adolescentes. Analisando essas dimensões, percebe-se a necessidades dos pais em orientar seus filhos para uma vida sexual consciente.

Como o tema sexualidade é delicado e ainda existem tabus a serem derrubados, torna-se essencial a parceria com a escola. Neste sentido foi formulada a última pergunta: *O fato de a escola oferecer a educação sexual para os alunos lhe incomoda? () Sim () Não. Por quê?* Entre os pais (mãe/pai) 92% (n=46) responderam não e somente 8% (n=4) responderam sim. As justificativas a esta pergunta foram classificadas em dois grupos: Grupo I – pais que se sentem incomodados com o fato de a escola oferecer a educação sexual e o Grupo II – pais que não se sentem incomodados com o fato de a escola oferecer a educação sexual.

Grupo I – a educação sexual na escola antecipa e ou estimula a prática sexual

“Um pouco. Porquê muitas vezes o incentivo é maior que o ensino no momento como proceder.”(P2, 2 filhas, 39 anos)

“Sim a escola ensina a fazer sexo.” (P6, 3 filhos, 42 anos)

“Porque tem muitos professores dão muita liberdade para os alunos”(P8, 1 filho, 64 anos)

Embora o percentual de pais que são contra a escola oferecer educação sexual para os alunos tenha sido muito baixo, esta manifestação pela sociedade é comum pelo fato das pessoas acharem que tocar no assunto pode antecipar o início da vida sexual dos adolescentes, e, também porque ainda predomina no ambiente familiar a deseducação sexual. O falar de sexualidade geralmente representa para a sociedade algo ligado à sacanagem, ao sujo, ao mau. Ao contrário do que muitos associam a sexualidade não tem papel exclusivamente ligado à reprodução, de

intenção erótica. Esta tem, sobretudo, a função relacional (ALMEIDA *et al.*, 2005). Isso demonstra a necessidade dos pais terem acesso a um processo de educação sexual. Assim, eles iriam ter consciência da sexualidade em suas dimensões, haja vista que este sempre foi um tema delicado, repleto de tabus, resistências, preconceitos, e nem todos os pais tiveram acesso a essas informações ao longo de suas vidas.

Os pais devem estar cientes que é imprescindível a atuação da escola na educação sexual dos jovens, pois a escola, como instituição social, tem a função de transmitir informações condizentes com a vida. Os professores devem contribuir para que os mitos e preconceitos direcionados à sexualidade sejam excluídos ou no mínimo suavizados e que o conhecimento geral dos jovens sobre o assunto seja melhorado. Para tanto os pais precisam também intervir neste assunto, para instruir os filhos nos assuntos ligados à sexualidade.

Grupos II – pais que não se sentem incomodados com o fato de a escola oferecer a educação sexual

“Não. Muita vez devido o trabalho não sobra tempo e a escola ajuda a orientar.” (P1, 2 filhos, 38 anos)

“Não porque a escola estão ajudando os alunos e os próprios pai.” (M1, 2 filhos, 32 anos)

“Não. Porque a educação sexual hoje se ver na televisão em qualquer lugar e as vezes ensina de maneira errada a escola não os professores vão ensinar apenas o que é certo.” (M13, 3 filhos, 38 anos)

“Confio na escola, hoje em dia só pai e mãe explicando ta pouco na escola a criança fica mais atenta.” (M14, 3 filhos, 38 anos)

“Não. Porque muitos pais não tem diálogo aberto com os filhos e a escola os professores pode fazer a vez dos pais dar um aula sobre educação sexual.” (M21, 2 filhos, 39 anos)

“Não. Porque é na escola que ocorre os primeiros contato com os jovens e crianças, e os professores estão mais preparados para abordar o assunto e oferecer uma educação sexual mais adequada, muitas vezes os pais não consegue explicar para os filhos.” (M24, 2 filhos, 40 anos)

“Porque eu não consigo explicar, mais a escola consegue esclarecer para eles.” (M26, 3 filhos, 40 anos)

“Não. Porque como eu não consigo conversar com o meus filhos sobre sexo. A escola explica eles de maneira correta.” (M38, 2 filhos, 48 anos)

Ao verificar as respostas nota-se que muitas delas remetem à questão do despreparo dos pais para lidar com o assunto. Assim, a dificuldade em abordar a temática na estrutura familiar; a preocupação em transmitir conhecimentos necessários; e a incapacidade dos pais investigados para assumirem tal responsabilidade justifica o fato dos pais concordarem que a escola ofereça a educação sexual aos seus filhos. Isso proporcionaria aos adolescentes conhecimento para uma vivência da sua sexualidade de forma responsável e consciente.

A escola, em seu processo educacional, subsidia a educação preventiva, por possui uma estrutura adequada para proporcionar o aprendizado formal; e sendo um lugar freqüentado por grande número de crianças e jovens, continuamente, durante

várias horas de seu dia e por um longo período de sua vida, favorece as relações sociais e trocas intensas de informações e de normas de conduta, que influenciam direta ou indiretamente o indivíduo (GHERPELLI, 1996).

O pai P1 destaca não possuir tempo necessário para manter um diálogo com o filho, mas talvez não o faça por possuir dificuldades em abordar o tema. ALMEIDA *et al.*, (2005) alega que a família nem sempre está presente na criação de seus filhos, ou quando está nem sempre consegue educá-los, devido à grande dificuldade que o assunto envolve, pois muitos pais buscam receitas, respostas prontas para lidar com a sexualidade dos filhos, e não usam de um atributo poderoso e efetivo: a naturalidade.

Satisfatoriamente muitos pais consideram a escola como importante aliado neste papel, entretanto não devem delegar apenas a ela esta função. Os pais não podem mais adiar a sua parcela de responsabilidade. O ideal é a atuação conjunta entre a família e a escola. É de extrema importância que este assunto seja tratado na escola, mas tem que existir também uma efetiva parceria com os pais, ou seja, estes não devem delegar e limitar este assunto apenas no âmbito escolar (ALMEIDA *et al.*, 2005). Para desenvolver o trabalho de educação sexual é importante envolver todos os adultos que participam do cotidiano do adolescente (GHERPELLI, 1996). Para que isto aconteça é necessário que a escola dê um retorno aos pais do que está sendo visto, convide os pais para assistirem debates juntamente com os alunos e estar aberta para orientá-los no caso de não saberem como lidar com os questionamentos dos filhos. Portanto a participação da família, da comunidade e da escola precisa ser em conjunto no que tange à vivência da sexualidade de uma maneira saudável e feliz.

CONCLUSÃO

Ao realizar este estudo, observou-se que os pais têm grande preocupação com a educação sexual de seus filhos e, principalmente, com a qualidade das informações que chegam a eles. Uma grande proporção de pais entende que a sexualidade humana não se restringe ao ato sexual. Entendem que ela está ligada a fatores afetivos e atitudes condizentes com a vida.

Segundo a maioria dos entrevistados, há o diálogo com os filhos adolescentes acerca da sexualidade, sendo que este acontece, principalmente, entre mães e filhos. Porém, alguns pais ainda esbarram em barreiras para o estabelecimento do diálogo como: vergonha, medo, tabus, mitos e preconceitos. Alegam preferir que os filhos não tenham conhecimento sobre esse tema, pois acreditam que o diálogo incentiva a prática sexual e a crença de que os filhos já possuem conhecimentos necessários no dia a dia para saciar suas dúvidas.

A maioria alegou que é importante que a educação sexual inicie em casa e seja complementada na escola, para que possam suprir o despreparo e as dificuldades dos pais em relação ao tema e ajudar os filhos a enfrentar as dúvidas que possam surgir aos aspectos ligados à sexualidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D.S.O. ; COSTA, R.L. da & SILVA , T.M. da. **Chega de tabu! A sexualidade sem medos e sem cortes.** 2005. Disponível em

<<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%201/chegadetabu.pdf>>. Acesso em: 16 Set. 2011.

AMARAL, M. A.; FONSECA, R. M. Entre o desejo e o medo: as representações sociais das adolescentes acerca da iniciação sexual. **Escola de Enfermagem da USP**, 40(4):469-476, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977.

BERNARDI, M. A. **Deseducação Sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BIÉ, A.P.A; DIÓGENES, M. A.R; MOURA, R. F. Planejamento familiar: o que os adolescentes sabem sobre este assunto?. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, 19 (3): 125-130. 2006.

BORGES, A.L.V; NISCHIATA, L.Y.I; SCHOR, N. Conversando Sobre Sexo: A Rede Sociofamiliar como Base de Promoção da Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes. **Revista Latino-am Enfermagem**, 14(3):422-7. 2006

CHAVES, G.B.; QUEIROZ, E. & GERRA, L.B. 2004. **Apontamentos para Trabalho em Educação Sexual nas Escolas**. In: do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 12 a 15 de setembro.

DIONÍZIO, A.F; OLIVEIRA, G.O; CALDEIRA, R.G. **Como está a Educação Sexual de adolescentes?** Artigo (Graduação), Universidade Estadual de Goiás, Quirinópolis, GO. 2007.

DUARTE, A. **Gravidez na adolescência: ai como eu sofri por te amar**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Graal. 1990.

GHERPELLI, M.H.B.V. **A Educação Preventiva em Sexualidade na Adolescência**. Série Idéias, n. 29, São Paulo: FDE, p. 61-72. 1996.

GUIMARÃES, A.M.A.N; VIEIRA, M.J; PALMEIRAS, J.A. **Informações dos Adolescentes sobre Métodos Anticoncepcionais**. Rev Latino-am Enfermagem. 11(3):293-298. maio-junho. 2003.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro, 2001.

LYNCH, I.; TIEDJE, L.B. Working with multiproblem families in intervention model for community health nurses. **Public Health Nurs**, 8(3): 147-153, 1991.

OLIVEIRA, I.L. de O; RESENDE, I.L. de M; SANTOS, D. dos S. **O diálogo acerca da sexualidade entre pais e filhos na perspectiva dos adolescentes**. Monografia (Especialização), Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG. 2001.

QUINTELLA, A. **Sexualidade**. São Paulo: Saraiva. 1992.

SANTOS, C.; BRUNS, M. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica**. São Paulo: Editora Omega; 2000.

SOUZA, C.S.; SIQUEIRA, P. **Orientação sexual escolar: Sua importância para o desenvolvimento saudável da sexualidade dos adolescentes de 5ª a 9ª ano do Colégio Estadual João XXIII em Quirinópolis-Go**. Monografia (Graduação) Universidade Estadual de Goiás. Quirinópolis,Go. 2006.

SUSSMUTH, R. A nova maternidade e os projetos de vida da mulher. In: Soliz, N. (Org.) **A mulher no séc. XXI**. Rio de Janeiro: Instituto Goethe, 1988.

TIBA, I. **Adolescência: O despertar do sexo- Um guia para entender o Desenvolvimento Sexual e Afetivo nas Novas Gerações**. São Paulo: Gente, 1994.

TRINDADE, E.; BRUNS, M.A. de T. **Adolescentes e paternidade, um estudo fenomenológico**. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

VITIELLO, N. **Quem Educa o Educador: Um Manual para Jovens, Pais e Educadores**. São Paulo: Inglu, 1997.

ZAGURY, T. **Encurtando a Adolescência**. Rio de Janeiro: Recorde, 1999.